

São Luiz de Cáceres

Para "Tapejara" —

Ten. Cruz Arzua — — — —

Conservo, muito propositalmente, a denominação de "São Luiz de Cáceres" para designar a graciosa cidade plantada à beira do majestoso Paraguai, no extremo Oeste matogrossense, como um protesto à supressão do complemento "São Luiz", imposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Os naturais e os que nela se radicaram não puderam ou não quiseram abandonar a denominação primitiva.

Pois eu, que aí vivi, por quase 4 anos, também me enfileirei entre os inconformados pela deliberação do I. B. G. E., porque traduz uma violação de vínculos históricos que não devem ser abandonados.

Fundada em 6 de outubro de 1778, pelo grande D. Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, capitão-general da novel Capitania de Mato Grosso, com a denominação de Vila Maria, foi elevada à categoria de cidade na mesma data do ano de 1874, isto é, 96 anos depois de sua fundação, já com a nova denominação de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao seu fundador e ao padroeiro da localidade "São Luiz", que foi, em vida, o também grande Luiz IX, Rei

de França, no período de 1226 a 1270 e canonizado em 1297. O espírito, tão acentuadamente cristão e cívico da população, facetas, ainda hoje, de seu aprimorado caráter, reverenciou a memória de duas figuras singulares na história do cristianismo e dos feitos legendários de nossa expansão territorial para Oeste.

A criação de Vila Maria foi uma consequência da mudança da sede da Capitania, de Cuiabá para Vila Bela, hoje a decadente cidade de Mato Grosso, plantada quase às nascentes do Guaporé.

Vila Bela passou a ser a sede da Capitania e residência dos seus Capitães-Generais. Cuiabá, cuja população crescia constantemente, pela afluência de aventureiros que iam à caça do ouro das já célebres minas de Cuiabá, não podia ficar ao abandono e, por isso, vez por outra, os capitães-gerais estavam obrigados a visitá-la. O caminho costumeiro era de Vila Bela à Passagem Velha, no Paraguai, a jusante Foz do Jaurú e daí a Cuiabá ou descendo o Paraguai até o S. Lourenço e por este subindo até Cuiabá ou demandando, através dos pantanais, a murraria de Poconé, rumo à antiga Ca-

pital. A frequência de encontros com os selvícolas e a travessia dos pantanais, em trechos de difícil passagem, sugeriram a necessidade de se buscar novo roteiro que oferecesse mais segurança às comitivas.

Localizou-se então, uma passagem mais acima, a montante do Jaurú, onde hoje se ergue São Luiz de Cáceres. É conveniente esclarecer que Vila Bela-Cáceres-Cuiabá, ficam quase no mesmo paralelo. Daí, o acerto da escolha. Cáceres se caracteriza, principalmente, pelo aspecto vetusto de suas ruas e de seu casario. As ruas raramente são em linha reta. Estreitas como verdadeiros corredores, tem-se a impressão de que as casas foram semeadas ao invés de construídas. As ruas quebra-se, de espaço a espaço, mas isto lhes dá um encanto pitoresco. A cada passo, novos aspectos se desenhavam. Perdem a monotonia. Há sempre nova alacridade no cenário que sobrevém. Sua população hoje, deve ser de 10.000, incluindo-se os distritos que lhe estão à ilharga. População que descende dos naturais e bandeirantes paulistas, é por formação, laboriosa e se dedica,

principalmente, à criação do gado vacum e em torno desta atividade gravitam e prosperam todas as outras atividades. O meio circulante tende sempre a aumentar e nunca a se esvaír, pois que a venda do gado em pé, e de seus produtos derivados, incluindo-se, em primeiro plano o xarque, da poaya, atrai o dinheiro de várias procedências. Verdade é que isso não constitui uma riqueza disseminada, como seria de desejar, mas aumenta, de alguma forma, o curso da moeda. A extração da "ipéca" é outra fonte de riqueza da região. Afirma-se, talvez sem exagero, que a melhor "poaya" das que se extraem no mundo é a da região Cáceres-Mato Grosso (município) pois que o habitat desse vegetal é na região das florestas densas, sujeitas ao fenômeno das chuvas periódicas que vão de novembro a maio, época apropriada para a sua extração. Esse vegetal nasce no recesso dessas florestas e sua extração demanda aparelhamento especial. Seu princípio ativo é a emetina, de uso tão generalizado. Para extraí-la, os "poaieiros" usam um instrumento de aço, pontegudo, de forma cônica, de 0,25 de comprimento, a que

se ajusta um cabo de mais de metro de comprimento. Com esse aparelho "afofam" a terra, com a preocupação de não danificar-lhe a raiz. Esta faina dura meses e os poaieiros andam em comitiva e sua produção, quase sempre, pertence a todos os seus componentes.

Convém assinalar que, na região, já está criado o neologismo "Poaíar", incluído na categoria dos verbos, pois é corriqueiro dizer-se que "fulano foi poaíar".

Quanto aos dotes de cultura e de inteligência, devo dizer que o cácerense é de rara vivacidade, dotado de grande facilidade de apreensão, grande senso de iniciativa e grande predisposição para a luta pela vida. É um incançável. Não poucos de seus filhos têm se dedicado às letras. Tem também acentuada predileção pelas festas e folguedos, tanto profanos, como religiosos. As festas do Divino Espírito Santo, em maio e de S. Benedito, em junho, são concorridíssimas e atraem forasteiros de todos os quadrantes. Por essa época realizavam-se as Cavalhadas e as Touradas, aquelas já, de há muito desaparecidas nestes folguedos. As touradas, porém, até há bem pouco tempo, se realizavam, à moda da casa, isto é, sem os esplendores estonteantes das touradas espanholas. Mas a coragem, a intrepidez, o destemor dos nossos "bandarilheiros" não podem nunca ser ultrapassados, em quaisquer outras partes.

Tivemos oportunidade de assistir a algumas touradas, nos anos de 1939 e 1940. Ficamos empolgados quando não estarrecidos! Homens simples, peões das fazendas, arvorados em toureiros e capinhas! Em cada tourada, há um só toureiro e vários capinhas, aquele montado a cavalo, armado de espada e estêss a pé e descalços! Um acompanha o toureiro em sua única "sorte" com cada touro. Vai à porta do brete, esperar o animal e cumprirá o "dar-lhe" de espada e, se o não fizer, terá que apear para enfrentá-lo a pé. Cobrirá a proesa o capinha. Feita a sorte, retira-se o toureiro e ficam, na arena, os capinhas a jogar com a vida, frente ao animal enfurecido. Que destemidos! Que desprezo pela vida! Que loucuras praticam! Treme-se a cada instante, prevendo-se um desenlace cruel ou fatal. Mas isto raríssimas vezes acontece. Exausto o touro, invadem a arena os "máscaras". Convém esclarecer que os "máscaras" são os "clowns" das touradas. Quase sempre são constituídos de "capinhas" defalcados ou de principiantes que aspiram chegar às culminâncias da carreira. Usam máscaras e fazem toda a sorte de palhaçadas frente ao touro que está a cair de cansado e incapaz de qualquer reação. Costuma-se usar o refrão "entregue aos máscaras", quando se quer designar alguém que está desanimado, apático, indiferente ao que lhe acontece em derredor. A sua origem não será, por analogia, essa que se usa para designar o touro que "deve ser entregue aos máscaras", porque não serve para mais nada? Outro aspecto que caracteriza bem o grão de cultura do bom povo cácerense é o do jornalismo, pois de 1878,

(Conclui na página 13)